



Questão 1: Pode-se dizer que o ensino de Literatura Africana de língua portuguesa no Brasil, hoje, é fruto da revisão, por parte da crítica e da teoria literárias, dos paradigmas tradicionais que pautaram os estudos de Literatura a partir dos anos 1950. Se nesse momento histórico as bases teóricas disponíveis apontavam para critérios que valorizavam, sobretudo, o lugar da literatura brasileira frente às realizações europeias, no jogo da dependência cultural, é a partir dos anos 1970 que essas orientações serão revistas: via antropologia, deslocam-se os centros de referência cultural; via estruturalismo, revalorizam-se (problematicando-os) espas antes naturalizados pela crítica - o autor, a obra, o leitor; via filologia, desconstruem-se paradigmas universalizantes no âmbito das ciências humanas, em geral, e da literatura, em particular. Sublinhe-se, também, a emergência dos estudos culturais anglo-saxões e sua entrada no Brasil nos anos 1980 - fato que coloca a crítica literária tradicional frente aos desafios da crítica cultural.

Todas essas linhas de força, então, criam as condições para que manifestações artísticas, culturais e literárias não canônicas passem a ser levadas em consideração e, mais que isso, respeitadas politicamente. Para as disciplinas Literatura Brasileira e Língua Portuguesa, os <sup>efeitos positivos</sup> ~~ganhos~~ são imensos: ganham fôlego estudos linguísticos que levam em conta a variabilidade da língua <sup>ou consideram-se aspectos</sup> ~~em suas realizações~~ sociais de modo que estes interpretam <sup>em sua</sup> ~~em suas~~ <sup>linguagem</sup> ~~realizações~~, o terreno das Belas Letras se vê questionado <sup>interrogando-se</sup> ~~questionado~~ por <sup>preocupações</sup> ~~preocupações~~ identitárias fechadas e calcadas em nacionalismos excludentes; por fim - aspecto dos mais relevantes -, as contribuições indígenas e africanas, antes localizadas periféricamente nos jogos da cultura, passam a ser observadas em sua própria pertinência, em suas próprias particularidades, em suma, como campos de estudo a serem incorporados <sup>à</sup> ~~em~~ comunidade falante de língua Portuguesa. É nesse contexto que a Literatura Africana de língua portuguesa ganha fôlego <sup>apesar</sup> ~~apesar~~ institucional, ao mesmo tempo em que se torna objeto de estudo tão valioso para o imaginário brasileiro quanto menos autores nacionais e, finalmente, ou não, menos referências ocidentais.

Levando-se em conta essas considerações, pode-se dizer que a obrigatoriedade do ensino de Literatura Africana no currículo escolar brasileiro é uma conquista ao mesmo tempo estética e política - caminho para a multiplicidade real, e não apenas imaginária, de nossa sociedade.



QUESTÃO 2. De maneira resumida, eu diria que o conteúdo de estrutura, formação de palavras, no âmbito do Ensino Médio, ganha apoio didático e metodológico. Isso porque é preciso ressaltar que as influências indígenas e africanas, em nossa língua, de uma maneira geral se situam no nível do léxico, isto é, no campo restrito do vocabulário, e não no das articulações e funções sintáticas. Assim, ao se aprofundar o estudo da morfologia, pode-se fazer ~~lado a lado~~ de modo a se colocar ~~lado~~ a lado as contribuições da linguística e as da literatura africana de língua portuguesa, cujos autores ~~fazem~~ fazem largo uso de recursos experimentais nesse sentido — entre os quais eu destacaria, por exemplo, Luandino Vieira. Um de seus livros de conto, Lacunda, oferece um mesmo de realizações nesse sentido. Assim, aspectos descritos e largamente estudados no campo da linguística brasileira moderna, no âmbito do trabalho de Marlene Câmara Jr., também materialidade literária ao serem vistas em perspectiva em relação à literatura africana de língua portuguesa, a qual se destaca ao lado das culturas da palavra brasileiras: Oswald de Andrade, Guimarães Rosa, entre outros.

QUESTÃO 3. Dada a faixa etária que corresponde o Ensino Fundamental II, creio que os elementos estéticos de textos da literatura africana oferecem ótimos recursos no que diz respeito àquilo que nesse momento da formação escolar há de mais importante, a meu ver: a formação de leitores. Entre esses elementos, eu destacaria o forte apelo à oralidade que marca essa literatura. De uma maneira geral, são textos em que o regime de enunciação aponta para a figura do contador de histórias, no sentido de que aquilo que se narra — a história de bruxas que já foram gente, de gente que se vê em meio aos animais (<sup>estes</sup> carregados de misticismo no imaginário africano) e de "causos" ora tocantes, ora profundos, ora aneddoticos — é quase sempre fruto de alguma experiência, tenha essa experiência sido vivida pelos narradores ou a eles reportada por alguém mais velho (vale-se que os mais velhos, nessa tradição cultural, possuem MUITA importância). ~~De~~ ~~essa~~ Seguindo o meu ponto de vista, essa estética opera de maneira tão orgânica quanto o

que há de melhorar no setor da literatura infanto-juvenil. Esse aspecto se mostra tanto mais interessante quanto levamos em conta que muitas das histórias podem ser transmitidas oralmente, e por isso o auxílio de outros recursos, dada a sua riqueza plástica. Ou seja, me encalço aqui a que se chama de "obra de arte total" (denje de muitos <sup>dos</sup> escritores e artistas do séc. XX), podem-se propor, via prática/narrativas afianças, experiências didáticas que valorizem o enriquecimento de linguagens, com o uso de sons, imagens, expressões onomatopéias etc. Tudo isso ajuda a formar o, mais do que isso, <sup>o</sup> oferece recursos a uma leitor que, ainda jovem, muito ganhará ao ter a oportunidade de viver o texto em seus aspectos expressivos e não apenas contenciosos, representativos. ~~Atual~~, ~~uma~~ ~~leitor~~ Uma leitor, nas últimas centenas disse-me início de século XXI, se faz tanto com noções e valores quanto com afetos e experiências. <sup>E</sup> Sendo a experiência algo que ultrapassa o vivido, os signos do além-mar (~~ou~~ além da Europa continental, no grande continente que são as Américas) têm muito a contribuir para a segunda coisa mais importante que a instituição escolar tem a oferecer, a saber, leitores que permaneçam leitores vida fora, sempre em processo.